GRÁTIS
POSTERS DOS TIMES DA DECISÃO

OS GANHADORES DA BOLA DE PRATA

PLACAR

N.º 875
9/MARÇO/1987
Cz$ 25,00
EDITORA ABRIL

São Paulo campeão!

O MELHOR DO BRASIL A CAMINHO DO JAPÃO

TODOS OS LANCES DA GRANDE FINAL

ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, CEARÁ, MARANHÃO, MATO GROSSO, PARÁ, PARAÍBA, PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE: Cz$ 32,00 - 0563

AS REVELAÇÕES DA COPA

IMAGENS DE PLACAR

LEVI MENDES JR

Um gringo parado no ar

Domingo, 22, Morumbi, primeira partida da decisão São Paulo x Guarani. O uruguaio Darío Pereyra pula para disputar a bola com Chiquinho Carioca. Por um instante, permanece parado no ar. Mas tudo o que sobe, desce — para desespero de Chiquinho, do lateral Nelsinho e do gringo Darío.

PLACAR

N.º 875 09 DE MARÇO DE 1987

CARO LEITOR

EDU GARCIA

Gustavo: madrugada sofrida

Na redação de PLACAR existem torcedores de vários times — paulistas, cariocas, gaúchos, mineiros, paranaenses, baianos, pernambucanos. Entre todos, um deles em especial chama a atenção: o preparador de textos José Gustavo Vasconcellos. Solitário e ferrenho defensor do Guarani, Gugu recebeu, na semana passada, a adesão e a solidariedade de quem não fosse são-paulino e junto com ele vestiu a camisa alviverde.

Se já é normalmente sério e sisudo em suas funções, Gustavo piorou ainda mais na madrugada de quinta-feira, com a derrota bugrina. Nem por isso deixou de revisar atentamente todos os textos desta edição.

Mário Sérgio Della Rina

SUMÁRIO

Imagens de PLACAR	3
Cartas	44
Esporte Total	6
Entrevista: Sérgio Cabral	9
São Paulo, campeão do Brasil	14
Juca Kfouri	23
De Primeira	24
Projeto Tóquio: planos tricolores	26
Novos ídolos para o Flamengo	42
RS: o fujão de Passo Fundo	44
Especial: as Copas européias	46
Tabelão (com escudinhos de botão)	51
A Semana	52
Natação: esperança na água	54
Basquete: Ary Vidal no Sírio	57
Loteria Esportiva	62
Onde Anda...	65
Humor: Grito de Carnaval	66

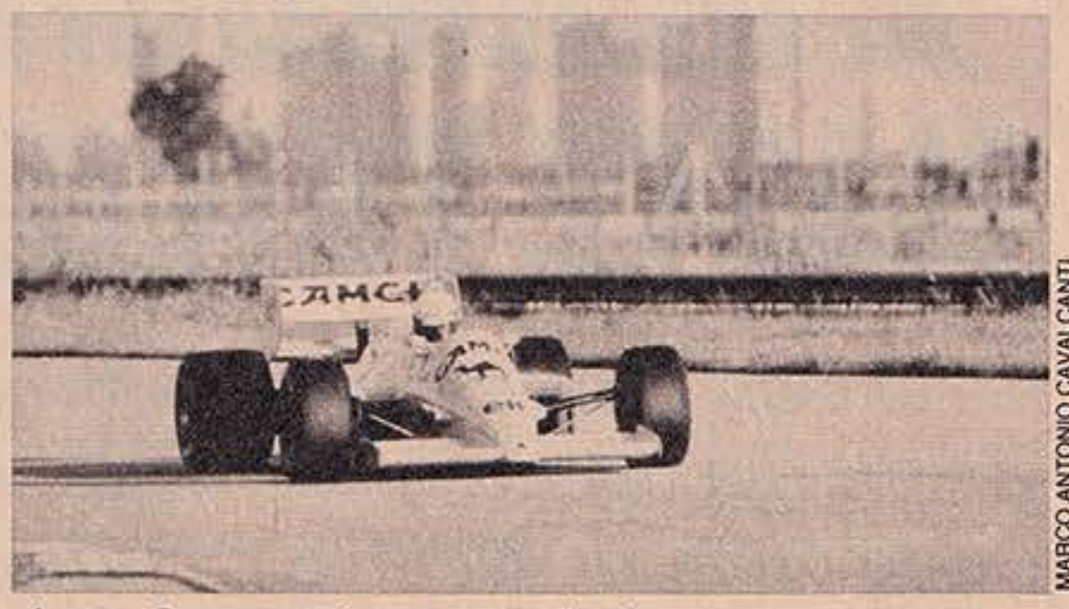
E mais: posters de São Paulo e Guarani no encarte central

NELSON COELHO

Evair, a grande revelação da temporada, comanda a nova safra de valores do Brasil **30**

SERGIO BEREZOVSKY

O volante Bernardo, do São Paulo, um dos nomes da seleção da XVII Bola de Prata **40**



MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Ayrton Senna e a Lotus amarela da Camel: mais que uma simples troca de cor **58**

CAPA — Ilustração: Osvaldo

Noite preta, branca e vermelha em Campinas: o balão vai subindo e a festa começa no Brinco

COPA BRASIL

A MADRUGADA NASCE TRICOLOR

O São Paulo campeão brasileiro surgiu depois da meia-noite. E mostrou que além de técnico é muito valente

Havia quase 40 000 torcedores com o coração aos pulos no Estádio Brinco de Ouro, em Campinas, na madrugada da última quinta-feira. Aquele momento, porém, foi de silêncio e solidão para dois homens. Nos pés do zagueiro Wágner estava a possibilidade de levar o São Paulo a seu segundo título brasileiro. Nas mãos do goleiro Sérgio Néri, a chance de empurrar o Guarani para uma outra série decisiva de pênaltis e, quem sabe, à bela taça — que também seria a segunda de sua história. Wágner parte e chuta. A bola percorre 11 m de angústia e vai pousar de mansinho no canto direito de Sérgio Néri. O mundo explode tricolor.

FOTOS SERGIO BEREZOVSKY

Tu és grande, tu és forte: Careca faz 3 x 3 no finalzinho da prorrogação e vai aliviar o sufoco com Müller e Rômulo

Resumir a decisão a uma simples série de pênaltis, contudo, seria um sacrilégio. Afinal, São Paulo e Guarani haviam acabado de dar em campo uma belíssima resposta a todas as falcatruas e cambalachos que assaltaram a Copa Brasil de 1986. Foi um jogo extraordinário, muito provavelmente a mais empolgante decisão de toda a história do Campeonato Brasileiro.

BEIJO NO NEGRÃO — Impossível analisá-la friamente. A começar pelo marcador ao longo dos 120 minutos de tempo regulamentar e prorrogação. São Paulo e Guarani ficaram no empate de 3 x 3. Mas, para que se tenha uma idéia, aos nove minutos de jogo, as luzes eletrônicas do Brinco de Ouro já registravam 1 x 1. E logo de cara o tricolor levou um baita susto. O jogo ainda não tinha chegado a seu segundo minuto quando Zé Mário, aproveitando uma falha de Fonseca, escapuliu pela esquerda do ataque do Bugre e cruzou a meia altura. A bola bateu em Nelsinho, que acabou marcando contra. Aos 9 minutos desta magnífica batalha, porém, o lateral-esquerdo do São Paulo seria acometido por um estranho desejo. "Quis dar um beijo na testa daquele negrão", confessou, referindo-se a Bernardo, que empatara a partida com uma cabeçada estrondosa.

Este 1 x 1 também não resume o que foi este jogo ao correr dos 90 minutos normais. São inesquecíveis as jogadas de alta técnica e a gana de Careca. Em uma delas, no final do primeiro tempo, Müller mandou na trave — como já acontecera com duas outras bolas na primeira parti-
da. Ou o heroísmo do zagueiro Ricardo, que atuou mais da metade do jogo com um tampão na narina direita, que sangrava.

É evidente que havia um astral diferente. Costuma-se dizer que o que começa mal termina pior. O time de Campinas fizera pressão contra a indicação do juiz José de Assis Aragão. E ele mesmo, ao entrar em campo, fizera um sinistro prognóstico: "Tudo o que acontecer aqui hoje é responsabilidade de Leonel ▷

COPA BRASIL

SERGIO BEREZOVSKY

Um tormento logo de cara: num lance infeliz, Nelsinho faz contra. Bugre 1 x 0

Aqui chegou a parecer o final de...

Guerra de nervos antes do jogo: os dois presidentes apelam

Martins de Oliveira, presidente do Guarani''. Durante o jogo, entretanto, ficaria longe da arbitragem perfeita. Deixaria, por exemplo, de dar um pênalti claro do são-paulino Wágner em João Paulo.

Na verdade, o clima da decisão já havia chegado no último domingo ao que o jornalista Cláudio Abramo classifica de ''nível de sentina''. A arbitragem de Romualdo Arppi Filho, no empate de 1 x 1, foi contestada pelos dois lados. Para complicar, o experiente juiz fora visto, na madrugada que antecedera a partida, no animadíssimo baile Uma Noite nos Mares do Sul, no Ilha Porchat Clube, em São Vicente.

SERGIO BEREZOVSKY

Mais um susto na rapaziada do Morumbi: aos 7 minutos da prorrogação, Boiadeiro cabeceia e deixa tudo igual em 2 x 2

SERGIO SADE

...tudo: João Paulo marca o terceiro

Não deixou de ser estranha a presença do homem que apitou a final da última Copa, a algumas horas de outra decisão, naquele paradisíaco e luxuriante ambiente. Em fevereiro do ano passado, ao ser indicado pela FIFA para atuar no Mundial do México, Romualdo lecionara a PLACAR seus dez mandamentos de um bom árbitro. O primeiro deles dizia textualmente o seguinte: ''Não cometer excessos na véspera — principalmente com bebidas — e passar uma boa noite de sono''.

Do lado do São Paulo, quem mais metera a boca em Romualdo fora o diretor de futebol Juvenal Juvêncio. Este, porém, esperara o fim do jogo para dar uma prensa no árbitro. Já o técnico Gainete, do Guarani, fora mais apressado. Passara os 90 minutos falando cobras & lagartos, em altos brados, do seu trabalho. No final, acabou interpelado pelo representante da Federação Paulista de Futebol, Jackson Kfouri Mendes. ''O gaúcho mais bravo morreu de parto na semanda passada'', rugiu Mendes, em meio ao bate-boca. Segundo o catarinense Gainete, o representante dissera ainda que, se o técnico não ''se comportasse'', poderia complicar a vida do Bugre no Paulistão.

LENHA NA FOGUEIRA — Longe de ser apaziguadora, a indicação de José de Assis Aragão para apitar o segundo jogo colocou mais lenha na fogueira. Se o tricolor não tugiu nem mugiu, o Bugre armou-se de zarabatana e borduna. ''Todo mundo sabe que ele sempre prejudicou os times de Campinas'', tratou de torpedear o presidente do Guarani, Leonel Martins de Oliveira. E foi mais longe em suas ilações: ''O São Paulo tem uma postura de certinho mas é o clube que mais apronta nos bastidores. Já colocou até governador do Estado *(Laudo Natel, em 1970 e 1971)* no banco para ganhar uma final e toda decisão no Morumbi tem confusão''. Tal insinuação não passou batida. ''Forte nos bastidores é o Guarani, que tem Eduardo José Farah muito bem-colocado na CBF'', respondeu o presidente Aidar, através da rádio paulista Jovem Pan. ''Outra coisa: no Morumbi não é costume apagar os refletores se o São Paulo está perdendo'', disse, lembrando um jogo do Campeonato Paulista de 1970, que o São Paulo ia vencendo por 2 x 1 quando misteriosamente se fez a escuridão no Brinco de Ouro.

A estrada que levou o São Paulo até Campinas na quarta-feira também se tornou sombria e tinha cur- ▷

OSCAR: "NÃO FICO MAIS NO BANCO"

SERGIO SADE

A clausura do ex-capitão da Seleção e do tricolor: tolerância esgotada

Em outros tempos, a presença de Oscar no banco de reservas causaria muito tumulto no Morumbi. Afinal, sua indiscutível categoria e o perfeito entrosamento com o uruguaio Darío Pereyra garantiram a tranqüilidade dos tricolores nos últimos sete anos.

Mas a maré mudou para esse mineiro de 32 anos, tricampeão paulista (1980, 1981 e 1985), que jogou no Cosmos de Pelé e Cia., e participou das últimas três Copas do Mundo. ''Não acredito que seja azar'', desconversa o jogador, referindo-se à ausência nos campos do México e nas finais da Copa Brasil.

Para os que acreditam em seu fim de carreira, Oscar tem uma resposta direta. ''Estou em forma e só eu sei o que posso jogar'', dispara. Uma contusão no tornozelo tirou o zagueiro dos últimos jogos do campeonato ainda antes das férias. As boas atuações de Wágner impediram sua volta. ''Isso acontece e tive de ser tolerante para não prejudicar o grupo nos jogos decisivos'', ensina.

Para o preparador físico Bebeto, que garante a boa forma do jogador, Oscar é um exemplo de profissional. ''Sua atitude dignifica a classe'', explica. A tolerância do zagueiro, porém, terminou com a Copa Brasil. ''Não vou mais aceitar a reserva'', frisa. ''Sou importante para o clube dentro de campo. Quero uma solução: ou resolvem o caso ou vendem meu passe'', propõe.

Oh, tricolor: Pita dá um banho de esperança no início do tempo extra: 2 x 1

"Vendam o Morumbi para Careca ficar", pede o beque Wágner

vas perigosas. O presidente Carlos Miguel Aidar, por exemplo, derrapou na própria língua ao chamar o Guarani de ''timinho''. O diminutivo chocou-se contra os guard-rails do Brinco de Ouro com o impacto de uma manada de elefantes furiosos. O supervisor do Bugre, Jair Lima, mandou recortar as páginas de jornais com a bravata do cartola tricolor e entregou pessoalmente a cada um de seus jogadores. Depois, numa jogada esperta, tratou de passar o favoritismo para o lado do São Paulo. ''Chegamos até aqui por acidente'', sentenciava, piscando ironicamente.

Mas voltemos a esta decisão e seu futebol de luz. Os times partem para a prorrogação e a 1 minuto Pita coloca o São Paulo em vantagem. O coração tricolor bate acelerado. Aos 7 minutos, Marco Antônio Boiadeiro deixa tudo igual outra vez. A adrenalina percorre as coronárias bugrinas. E no meio do caminho havia um Aragão, que tolerou o jogo violento mas quase provoca um tumulto generalizado ao expulsar Vágner, do Guarani, por desacato à autoridade.

Começa a segunda etapa da prorrogação — com o músculo cardíaco entrando veloz na madrugada. Wágner, do São Paulo, falha — ele que já havia cometido um pênalti não marcado — e João Paulo faz Guarani 3 x 2. O zagueiro, que tempos atrás adotou uma criança abandonada, tem pensamentos terríveis. ''Pronto, azarei o trabalho de um ano'', imagina. Este segundo de pesadelo é cortado pela voz firme de Gilmar: ''Dá a bola para Careca que ele resolve''.

Abençoado conselho. Nelsinho já começara a rezar quando Wágner deu um chutão para a frente. Faltava pouco mais de um minuto de fé e esperança tricolor. Pita escora de cabeça e Careca vem com sede, enfiando-

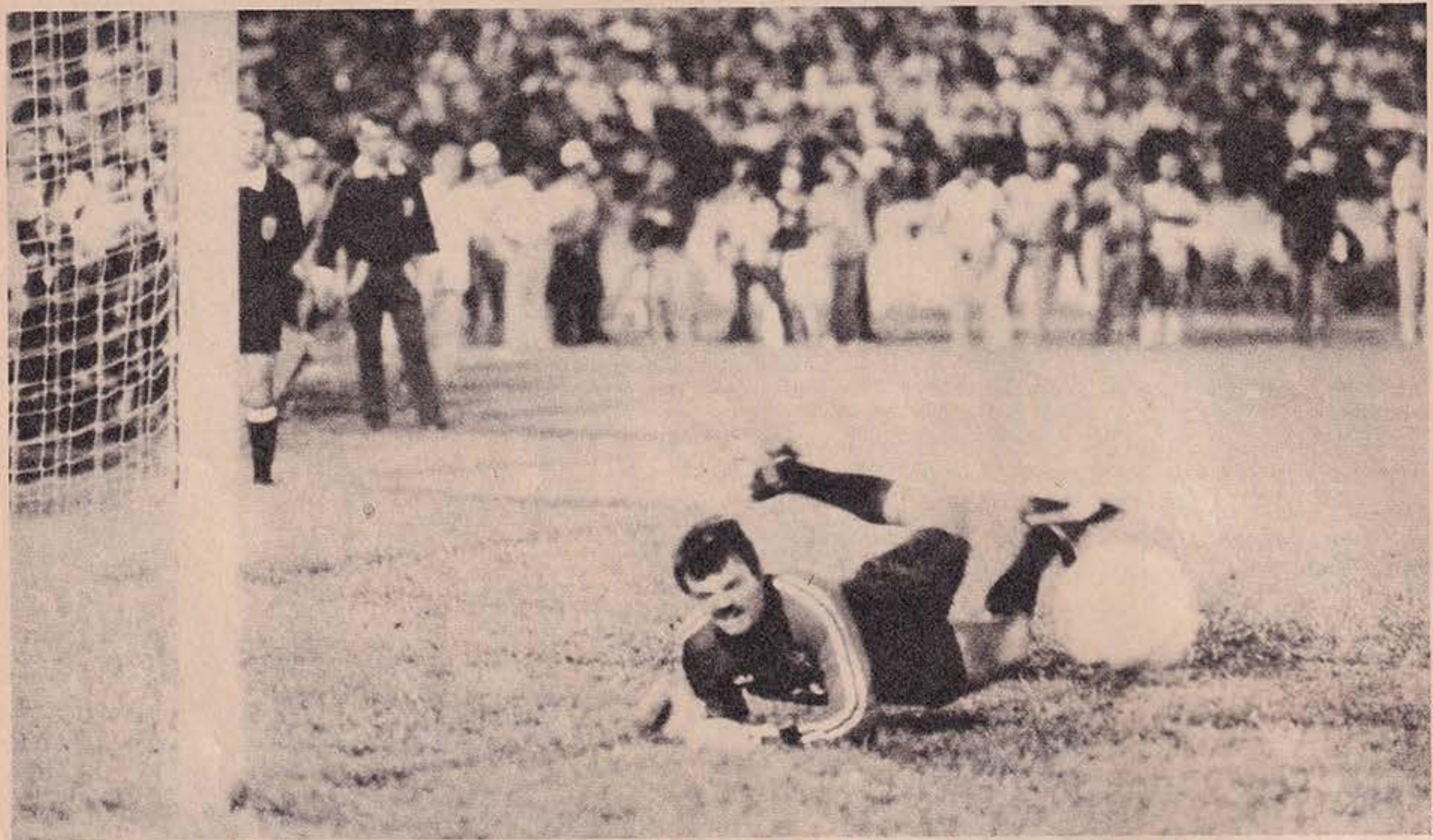
FOTOS SERGIO BEREZOVSKY

Bernardo, que não aparece na foto, já cabeceou. A bola desvia em Ricardo e viaja para o fundo do gol alviverde — 1 x 1

Uma reprise de domingo: Müller manda na trave e o campeão perde outra chance

se pelo meio da defesa do Guarani. O camisa 9 é apenas uma perna esquerda forte e firme. Lá vai o genial Careca empatar o jogo em 3 x 3 e levar a final para uma decisão por pênaltis. "Se for preciso, que vendam o Morumbi e dêem dinheiro para este cara ficar", agradece Wágner, com lágrimas nos olhos.

A bola é uma mulher, ensina mestre Armando Nogueira. Estranhos são seus caminhos. Careca é o primeiro são-paulino a bater o pênalti. Ingrata com o artilheiro da Copa Brasil, ela vai se aninhar nos braços do goleiro Sérgio Néri. O que aconteceu? "Bati mal", reconhece o autor de 25 gols no campeonato. "Mas sempre bati assim." ▷



SERGIO BEREZOVSKY

Catimba e segurança: Gilmar pega o primeiro pênalti (batido por Marco Antônio). *A vitória está começando aí*

AS NOTAS PARA A BOLA DE PRATA

SÃO PAULO		
Gilmar	8	Pegou pênalti na decisão
Fonseca	4	O pior do time. Foi um desastre
Wágner	7	Ótimo até falhar num gol bugrino
Darío Pereyra	8	A seriedade e a calma de sempre
Nelsinho	7	O gol contra não o abalou. Bem
Bernardo	8	Segurança, classe, luta e raça
Silas	5	Apagado. Mais erros que acertos
Manu	5	Teve pouco tempo na prorrogação
Pita	7	Escondido em campo. Mas fez um gol
Müller	6	Discreto para sua fama de craque
Careca	8	Um gênio que até pode perder pênalti
Sídnei	7	Ajudou o meio-campo e cansou
Rômulo	6	Entrou e não comprometeu

GUARANI		
Sérgio Néri	9	Segurou tudo o que foi possível
Marco Antônio	6	Regular atrás, fraco no apoio
Ricardo	9	Um partidaço. Duelou com Careca
Valdir Carioca	7	Teve bons e maus momentos. Brigou
Zé Mário	8	Um leão. Raça e muita disposição
Tosin	7	Bem atrás, na proteção da zaga
Tite	5	Discreto. Pouca imaginação
Vágner	3	Jogou 10 minutos e saiu expulso
Boiadeiro	7	Não repetiu suas boas atuações
Catatau	5	Só ciscou e foi nada produtivo
Chiquinho Carioca	5	Pouco tempo para mudar as coisas
Evair	6	Desta vez levou pouco perigo
João Paulo	8	O melhor do ataque. Lutador

"Joguei com o coração na boca", confessa Darío

A madrugada avança no Brinco, e os pênaltis já foram batidos. Jogadores de menor técnica, como Rômulo, Fonseca e Wágner, chutaram e converteram as penalidades. Darío Pereyra, que igualmente foi um dos executores, confessa ser este o título mais importante de sua carreira. "Joguei com o coração na boca", abre-se o gringo. O presidente Aidar recebe a taça das mãos de Otávio Pinto Guimarães. Ele, que em outubro aconselhara o campeão a receber o troféu de luvas, devido ao cambalacho, está com as mãos limpas. O escudo da noite campineira tem três cores. "Eu nunca havia passado um sufoco igual a este", resume Careca.

Convém, entretanto, voltar no tempo. Dois seres humanos extremamente sozinhos em meio a▷

TODOS OS CAMPEÕES BRASILEIROS

JB SCALCO

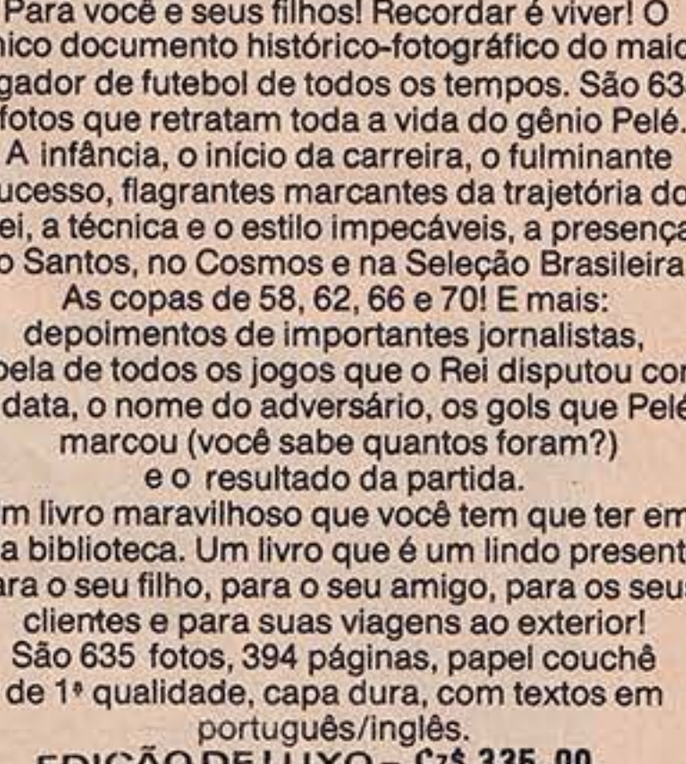
O timaço do Inter, campeão brasileiro de 1975 *(em pé):* Manga, Cláudio Duarte, Figueroa, Hermínio, Vacaria e Falcão; agachados: Valdomiro, Escurinho, Flávio, Paulo César Carpegiani e Lula

ABRIL

A supermáquina do Flamengo, que arrebatou o título de 1980: em pé — Andrade, Marinho, Raul, Rondinelli, Carlos Alberto e Júnior; agachados — Tita, Adílio, Nunes, Zico e Júlio César

Ano	Campeão	Vice
1971	ATLÉTICO MINEIRO	São Paulo
1972	PALMEIRAS	Botafogo
1973	PALMEIRAS	São Paulo
1974	VASCO DA GAMA	Cruzeiro
1975	INTERNACIONAL	Cruzeiro
1976	INTERNACIONAL	Corinthians
1977	SÃO PAULO	Atlético Mineiro
1978	GUARANI	Palmeiras
1979	INTERNACIONAL	Vasco da Gama
1980	FLAMENGO	Atlético Mineiro
1981	GRÊMIO	São Paulo
1982	FLAMENGO	Grêmio
1983	FLAMENGO	Santos
1984	FLUMINENSE	Vasco da Gama
1985	CORITIBA	Bangu
1986	SÃO PAULO	Guarani

PELÉ, PELÉ, PELÉ, PELÉ, PELÉ



Para você e seus filhos! Recordar é viver! O único documento histórico-fotográfico do maior jogador de futebol de todos os tempos. São 635 fotos que retratam toda a vida do gênio Pelé. A infância, o início da carreira, o fulminante sucesso, flagrantes marcantes da trajetória do Rei, a técnica e o estilo impecáveis, a presença no Santos, no Cosmos e na Seleção Brasileira. As copas de 58, 62, 66 e 70! E mais: depoimentos de importantes jornalistas, tabela de todos os jogos que o Rei disputou com a data, o nome do adversário, os gols que Pelé marcou (você sabe quantos foram?) e o resultado da partida.
Um livro maravilhoso que você tem que ter em sua biblioteca. Um livro que é um lindo presente para o seu filho, para o seu amigo, para os seus clientes e para suas viagens ao exterior!
São 635 fotos, 394 páginas, papel couchê de 1ª qualidade, capa dura, com textos em português/inglês.

EDIÇÃO DE LUXO – Cz$ 335.00

Para receber o seu exemplar de ERA PELÉ, escreva-nos ou envie o cupom para Seqüência Editorial Ltda. Rua Joaquim Piza, 79 — CEP 01528 São Paulo - SP, ou telefone (011) 270-6366.

PL 875

À
Seqüência Editorial Ltda.
Rua Joaquim Piza, 79 - 01528 - São Paulo - SP

Sim, desejo receber..... unidades do livro ERA PELÉ, no endereço abaixo.

☐ Envio junto com este cupom Cheque ou Vale Postal Nº. . . . . no valor de Cz$ . . . . . .

☐ Prefiro receber e pagar no Correio (Reembolso Postal) ao preço de Cz$ . . . . . mais despesas postais.

Nome _____

Endereço _____

_____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Um manto branco, vermelho e preto veste a madrugada campeã

40 000 pessoas se entreolham. O camisa 1 debocha do negro da 3. "Você vai entregar o ouro novamente", desdenha Sérgio Néri. Wágner não responde, apenas parte para a bola. Aqueles 11 m de tensão vão mudar a história. É gol. Caprichos da bola. Wágner faz parte agora do panteão dos heróis do São Paulo. Figura ao lado de imortais como Friedenreich, Leônidas, Sastre, Zizinho, Bauer, Gérson, Rocha e — por que não? — Darío Pereyra, Gilmar, Careca. Wágner Basílio emerge da solidão e observa a madrugada vir com seu manto vermelho, branco e preto.

O São Paulo é, enfim, o novo campeão do Brasil!

Ari Borges, Betise Assumpção, Nelson Urt e Tonico Duarte

SERGIO BEREZOVSKY

Um presente de aniversário para Pepe: a taça, um dia depois de seus 52 anos

CARLOS FENERICH

Um instante de silêncio e redenção: Wágner cobra o pênalti e entra na história

OS PÊNALTIS

Marco Antônio, Guarani: Gilmar defende no canto direito. 0 x 0

Careca, São Paulo: Sérgio Néri pega o chute fraco quase no meio do gol. 0 x 0

Tosin, Guarani: Tiro à meia altura, no canto direito. Guarani 1 x 0

Darío Pereyra, São Paulo: Chute forte, alto, lado esquerdo. 1 x 1

João Paulo, Guarani: Uma bomba por cima do gol. 1 x 1

Rômulo, São Paulo: Batida rasteira, canto esquerdo do goleiro. São Paulo 2 x 1

Valdir Carioca, Guarani: Chutou colocado, no canto esquerdo. 2 x 2

Fonseca, São Paulo: Cobrança forte, no canto direito baixo. São Paulo 3 x 2

Evair, Guarani: Com classe, bola no canto esquerdo. 3 x 3

Wágner, São Paulo: Chute forte, rente à trave direita, quase Sérgio Néri pega. São Paulo 4 x 3

JUCA KFOURI

O país volta a ter um grande campeão

Foi sofrido, sem dúvida. Houve momentos em que tudo parecia perdido, como depois que o América empatou no Maracanã ou João Paulo virou a prorrogação. Houve derrotas surpreendentes, como as contra o Treze, Bangu, Internacional de Limeira e Fluminense. Porque um timaço como o do São Paulo não pode perder para ninguém.

Mas, e é isso que conta, é quase impossível enumerar os momentos de plena euforia, de lances mágicos, de tramas diabólicas da turma comandada por Careca. E foram tantos! Que o digam os próprios times que tiveram a petulância de derrotar o tricolor. Nenhum deles escapou de pelo menos ser batido uma vez pelo novo campeão do Brasil, havendo até os que, como o Fluminense, perderam duas vezes.

Isso faz um grande campeão. Vencer todos, dar sustos homéricos — quantos o Santos de Pelé não dava? —, golear com sublime alegria — como o sabem Botafogo, Ponte Preta, Joinville...

Está aí o futebol brasileiro novamente bem representado, com possibilidades reais de chegar a Tóquio e ganhar — a exemplo do velho Santos e dos recentes Flamengo e Grêmio — o Mundial de Clubes. Sim, porque nossos últimos campeões e vices, como Flu e Coritiba, Vasco e Bangu, deram o vexame que deram na Libertadores.

São Paulo e Guarani, ao contrário, não pouparam o torcedor das emoções que as verdadeiras finais merecem. De um lado, o time de Campinas, sério, competente, sem violência, regular como um relógio suíço, o modelo acabado do que se convencionou chamar de futebol moderno. Não conta com grandes estrelas e faz da solidariedade sua maior arma. Do outro lado, o São Paulo de Cilinho, que, diga-se, o correto Pepe teve a coragem de manter, mexendo pouco e pouco ligando por dar uma marca pessoal a um estilo de jogo que vinha dando certo.

Com um time repleto de craques, apesar da irregularidade, o São Paulo resgata o futebol alegria

Faltou regularidade à equipe, é verdade, mas Careca não faltou. Faltou altura na defesa, ah!, faltou, mas Careca não faltou. Faltou comando no meio-campo, mas Careca não faltou. Careca foi tudo, então? Não e sim, sim e não. Foi, ao menos, a diferença.

O São Paulo mostrou que ainda existe espaço para a beleza e a alegria, e que é possível ser campeão sem abdicar de ambas. Que o talento também pode ser competitivo, e sobra talento no Morumbi. Só que Careca excedeu e não será exagero comparar seu papel nesta conquista ao de Maradona, na Copa do México.

Ainda bem que a direção são-paulina sabe que o caminho para o Japão começa nos pés dele. Ainda bem. Porque mesmo perdendo o pênalti que perdeu, foi dele o passe para o gol de Pita e foi dele, principalmente, o golaço que empatou a prorrogação e lhe valeu a artilharia.

Um time que não se abala ao sofrer um gol contra logo no início de uma decisão merece ganhar o mundo.

E a idéia é exatamente essa.

ELEIÇÕES CORINTIANAS — No próximo dia 8, os sócios da segunda maior paixão popular do país elegerão o novo presidente do Corinthians. Entre as três chapas que concorrem, duas são antigas, uma é nova. Roberto Páscoa, que dizimou o futebol alvinegro, quer a reeleição. Vicente Matheus, folclórico e cheio de graça, herói de outros tempos e merecedor do busto que mandou construir no Parque São Jorge como autêntico representante do passado do clube, quer voltar. E Orlando Monteiro Alves, em nome da Democracia Corintiana, garante devolver a alegria que caracterizou o Timão entre 1982 e 1984.

Espera-se que os sócios que sejam corintianos e não masoquistas saibam recuperar o tempo perdido. Salve o Corinthians!

SÃO PAULO

SOL NASCENTE NA CABEÇA

Já na Libertadores, o tricolor entra na segunda fase do Projeto Tóquio e agora quer conquistar o mundo

Ao empatar com o América, no Rio de Janeiro, dia 18 de fevereiro, o São Paulo não apenas garantia sua presença na final da Copa Brasil 1986. Ali, no gramado do Maracanã, era cumprida também a primeira etapa de um plano nascido em novembro de 1984, da cabeça do à época técnico tricolor Cilinho. Na ocasião, juntamente com uma profunda reformulação no elenco — saíram Éverton, Waldir Peres, Renato, Zé Sérgio, Getúlio, Almir e Heriberto, entre outros —, o treinador lançava a idéia de uma certa "revolução permanente".

Segundo esse plano, o time não deveria mais se abalar com a perda eventual de algum craque. "Ao contrário: ▷

OSVALDO

SERGIO SADE

Careca: para o bem de todos, o presidente já insinua o "Fico" do craque

Chegar a Tóquio significa 6 milhões de cruzados em caixa

isso seria um estímulo'', lembra o presidente Carlos Miguel Aidar. O clube vinha de dois vice-campeonatos consecutivos, em 1982 e 1983, obtidos com praticamente o mesmo time que levantara o bicampeonato nos anos anteriores. ''Ali percebemos que bons jogadores ganham jogos, mas só homens ganham títulos'', completa filosófico o dirigente. ''Era preciso também ter mentalidade de vencedor, ambicionar ser campeão de tudo o que se disputasse.''

É nesse ponto, atrelado à tal revolução permanente, que surge o Projeto Tóquio, nome pomposo que significa a disputa da Copa Intercontinental de Clubes. Desde 1980, o ex-Mundial Interclubes passou a ser realizado na capital do Japão, rebatizado como Copa Toyota, a patrocinadora do evento que paga 300 000 dólares (cerca de 5,8 milhões de cruzados) aos participantes: os campeões europeu e sul-americano. Duas equipes brasileiras já chegaram lá com sucesso. Flamengo, em 1981 e o Grêmio, dois anos depois.

APLAUDINDO DE PÉ — O sonho de o São Paulo ingressar nessa restrita confraria passou a ser aplicado em 1985, já com o time totalmente modificado. Sob o rígido comando de Cilinho, os ainda anônimos Müller, Silas e Sídnei começavam a fazer furor ao lado de Oscar, Darío Pereyra, Pita e Careca. O plano de vencer o Campeonato Brasileiro — ou pelo menos ser finalista, ganhando o direito de participar da Taça Libertadores — foi interrompido numa quarta-feira à noite, no Morumbi, quando um empate de 2 x 2 com o Grêmio tirou o time da competição.

Mas, mesmo com o São Paulo desclassificado (ficou em 14.° lugar na Taça de Ouro), a torcida não deixou o estádio e aplaudiu de pé o time. ''Ficou a impressão de que, se tivéssemos

CARECA: FAMA E NEGÓCIOS NO JAPÃO

O centroavante Careca não chega a ser tão popular no Japão quanto o cantor Itsuki Hiroshi, espécie de Roberto Carlos local. Isto não significa que ele seja um ilustre desconhecido por lá. Por causa das transmissões de jogos brasileiros pela televisão — seja em macro ou microtelas —, o São Paulo e seu camisa 9 estão longe de passarem batidos diante de milhares de olhinhos puxados. É o que relata, de Tóquio, o jornalista Yoshiyuki Osumi.

''Nós conhecemos o São Paulo muito bem. Uma manhã destas *(na semana passada)*, um jornal japonês que é impresso em inglês dava destaque, em suas páginas de esporte, para a decisão da Copa Brasil, entre São Paulo e Guarani. O tricolor não é somente popular por ser um dos maiores clubes do mundo, mas pelo fato de ser proprietário de um estádio gigante: o Morumbi.

''Jogadores como Careca, Müller, Silas, Oscar, Sídnei e Darío Pereyra têm popularidade aqui no Japão. Além da última Copa do Mundo, a TV transmitiu dois ou três jogos do São Paulo pelo último Campeonato Paulista.

''Sem dúvida, o mais lembrado entre os jogadores são-paulinos é Careca. Nós o consideramos, aqui no Oriente, um dos melhores atacantes do mundo. Ele visitou o Japão em dezembro passado cumprindo seu contrato de garoto-propaganda da maior fábrica de material esportivo daqui, a Mizuno.

''Muitos clubes brasileiros têm nos visitado nos últimos anos, mas os mais famosos ainda são o Santos, por causa de Pelé, e o Flamengo, devido a Zico. Temos, porém, especial interesse pelo São Paulo porque um garoto japonês, Musashi, treinou lá durante quase dez anos. Além disso, nossa Federação planeja convidar São Paulo ou Fluminense para disputar a Copa Kirin, em maio. De qualquer jeito, a festa tricolor estará assegurada.''

NELSON COELHO

Aidar: agora pensando na Copa Toyota

passado pelo Grêmio, ganharíamos o título'', argumenta o presidente. De qualquer modo, a irrepreensível campanha no Campeonato Paulista — disputado no segundo semestre — ajudou a esquecer a frustração. O São Paulo campeão, afinal, foi melhor em tudo: ataque, defesa, renda, público e, de quebra, teve o artilheiro e o vice: Careca e Müller.

A recompensa foi a convocação de sete jogadores para a Seleção Brasileira e outro para a uruguaia, o que acabou prejudicando a pretensão do bicampeonato paulista. Viria também a saída de Cilinho, perfeitamente superada com a chegada de Pepe. Tudo dentro da teoria da revolução permanente. ''Mesmo assim, 1986 foi um bom ano'', discursa o assessor da presidência, Celso Grelet, ligado ao departamento de marketing do clube: ''O que ganhamos em termos de projeção internacional compensou tudo''. De fato, os convites para excursões e amistosos passaram a se multiplicar. ''Isso também faz parte do Projeto Tóquio'', explica Carlos Miguel Aidar. ''Com o título mundial, o interesse certamente aumentará, assim como nossas cotas.''

Depois do arquivamento forçado, o projeto retornou com toda força no dia 30 de agosto, quando o São Paulo estreou na Copa Brasil, vencendo o Coritiba por 1 x 0. ''Naquele dia, na preleção, dissemos aos jogadores que a final seria no Japão'', recorda o gerente de futebol José Eduardo Chimello. ''Em toda partida, com exceção das finais contra o Guarani, a gente dava um jeito de falar na Copa Toyota'', garante o médico Marco Aurélio Cunha.

MAIS REFORÇOS — Mesmo antes de superar a primeira etapa, que era chegar na Libertadores, o tricolor cuidou de se arrumar para superar a segunda, que é vencer o torneio sul-americano. Assim, tratou de trazer os meias Neto — emprestado pelo Guarani — e Lê — contratado junto à Internacional de Limeira (SP). Como este ano o calendário da Seleção Brasileira inclui Pré-Olímpico, Pan-Americano, Copa América e excursão à Europa, o São Paulo sabe que os desfalques por convocações serão constantes na temporada. ''Por isso ainda procuramos mais dois reforços'', anuncia o técnico Pepe.

Para vencer a Libertadores e chegar a Tóquio, contudo, toda a organização e estrutura do São Paulo é

NELSON COELHO

Neto: reforço para superar desfalques

ameaçada pela possível saída de Careca. A revolução permanente não parece lógica neste caso. É por isso que o presidente Aidar anuncia, com misteriosa satisfação, que o Projeto Tóquio vai muito bem, obrigado: ''Está quase tudo acertado. O homem fica''.

Ari Borges

GUARANI TAMBÉM SONHA COM O ORIENTE

Fim da batalha contra o Atlético Mineiro no Brinco de Ouro, uma frase, escrita na lousa do vestiário, chamava a atenção dos jogadores do Guarani: ''Providenciar passaporte, urgente''. Essa ambição acompanhava o frasista Jair Lima, supervisor do time, antes mesmo de começar a Copa Brasil. É claro, ninguém levou Lima a sério. Agora, porém, quando a comissão técnica do Guarani se reúne para estudar o Projeto Tóquio campineiro, cada detalhe exige seriedade absoluta. ''Nosso pior inimigo é o calendário'', lamenta o presidente Leonel Martins de Oliveira. ''Enquanto guerreamos entre nós, Cobreloa e Colo-Colo descansam.''

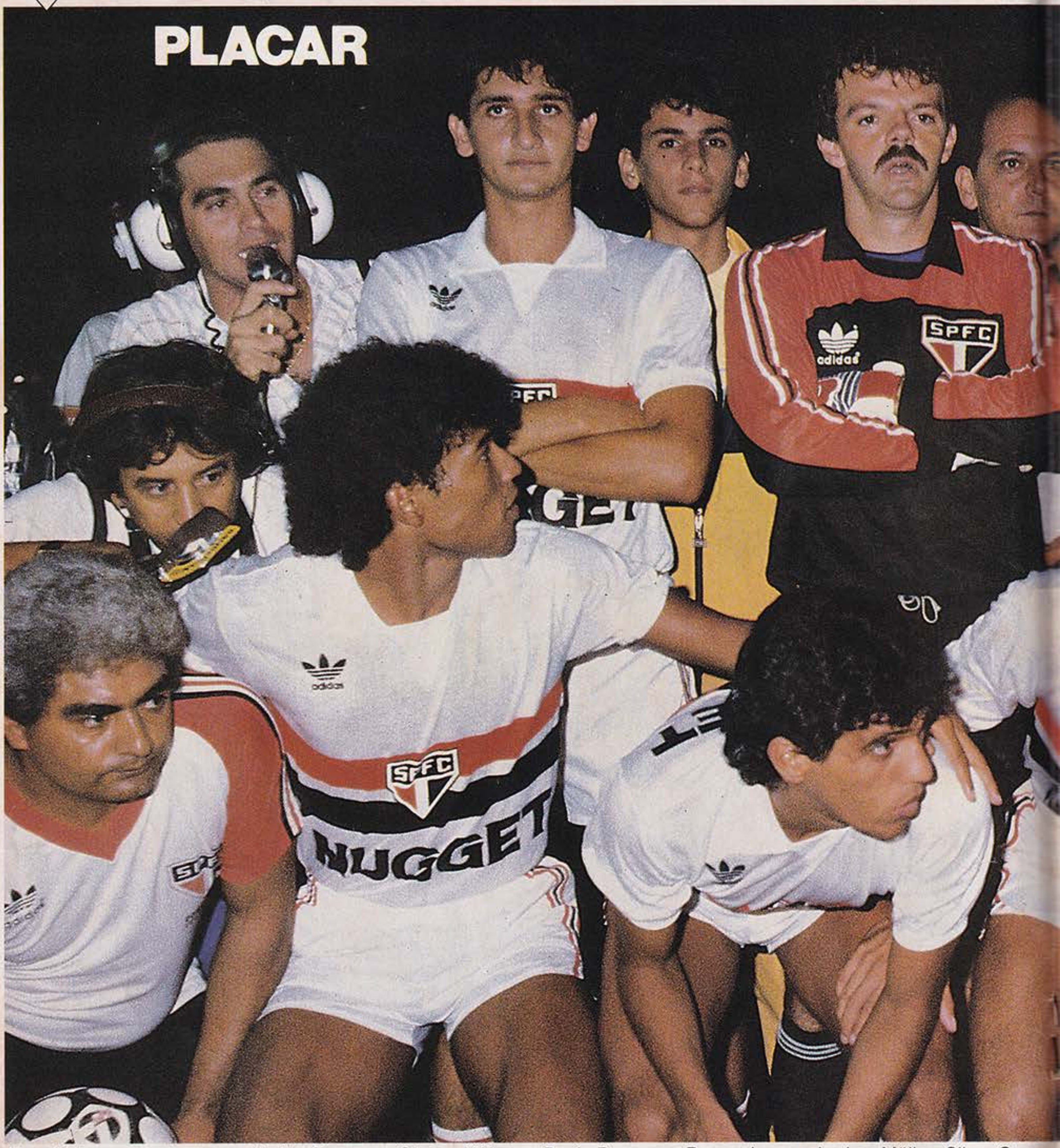
Antes de se preocupar com os chilenos, porém, o Guarani enfrentará o São Paulo, dia 29 de março, na abertura da Taça Libertadores *(veja a tabela em ''A Semana'')*. A primeira medida é evitar que o tricolor escale o meia Neto, cedido por empréstimo. ''Abri mão de Neto depois de saber que ele não gostava de trabalhar'', alfineta o técnico Gainete.

Como alguns jogadores devem ser convocados para a Seleção Pré-Olímpica, o Guarani procura reforçar-se. Do Joinville, vieram o meia João Carlos Maringá, por 2,5 milhões, e o goleiro Válter Dibi, trocado pelo lateral Gilberto. Henágio, meia do Sport, chegou por empréstimo. ''Em vez de investir em craques, projetamos jogadores'', sustenta o presidente Leonel, que não teme o assédio dos grandes clubes a Evair e João Paulo, as novas estrelas do time. ''Afinal, grandes somos nós.''

Nelson Urt

SÃO PAULO F.C. CA

PLACAR



Em pé, da esquerda para a direita: Fonseca, Gilmar, Wágner, Darío Pereyra e Bernardo; agachados: Müller, Silas, Careca

NUGGET®

A pomada

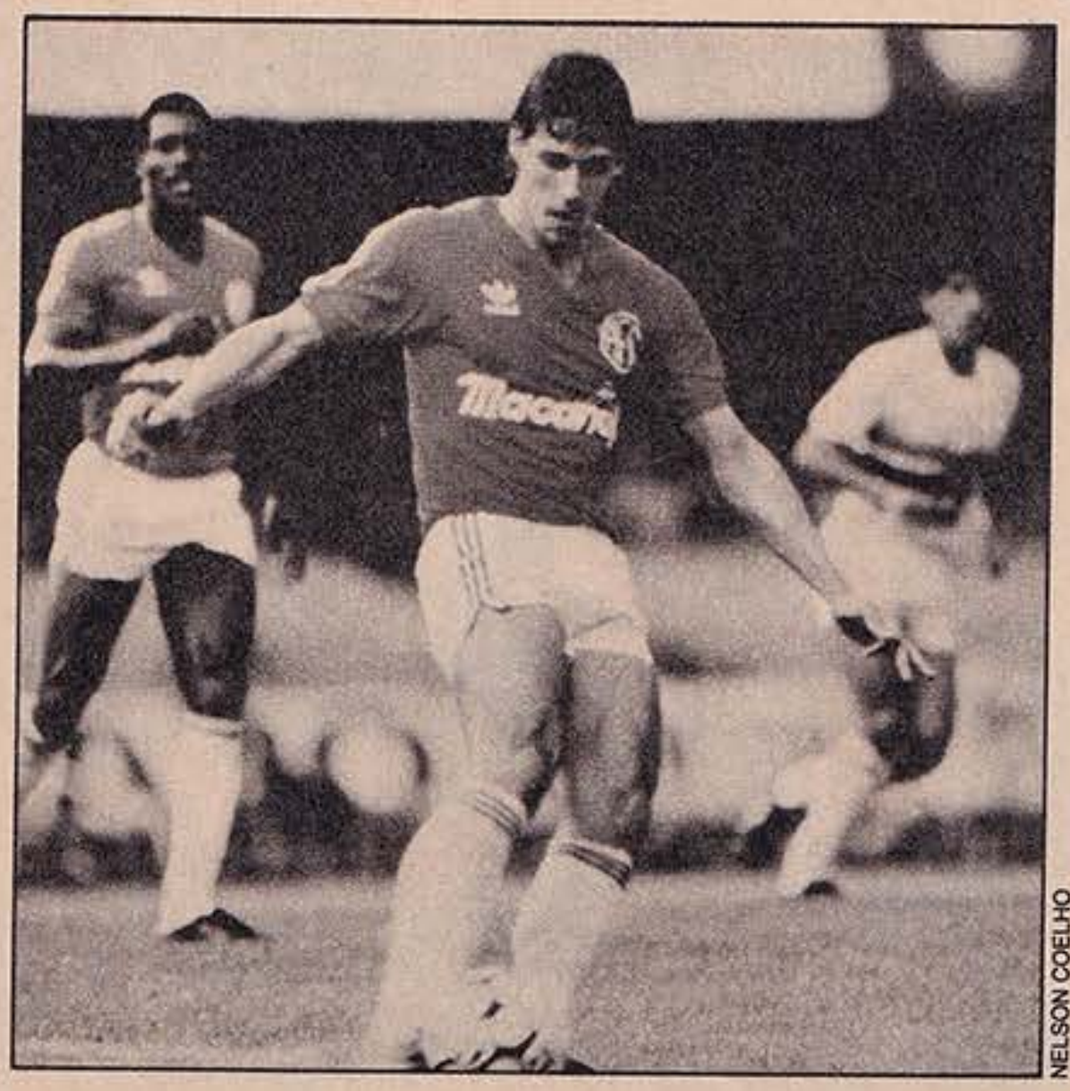
MPEÃO DO BRASIL 1986

SÉRGIO BEREZOVSKY

e, Pita e Sídnei. Falta Nelsinho, que não posou

a dos campeões.

BENE



NELSON COELHO

Uma verdadeira muralha na zaga central do América na Copa Brasil. Aos 24 anos, o gaúcho Bene — Benjamim Pereira Sobrinho — finalmente realizou seu sonho de ser reconhecido. E foi o grande líder do time nas finais

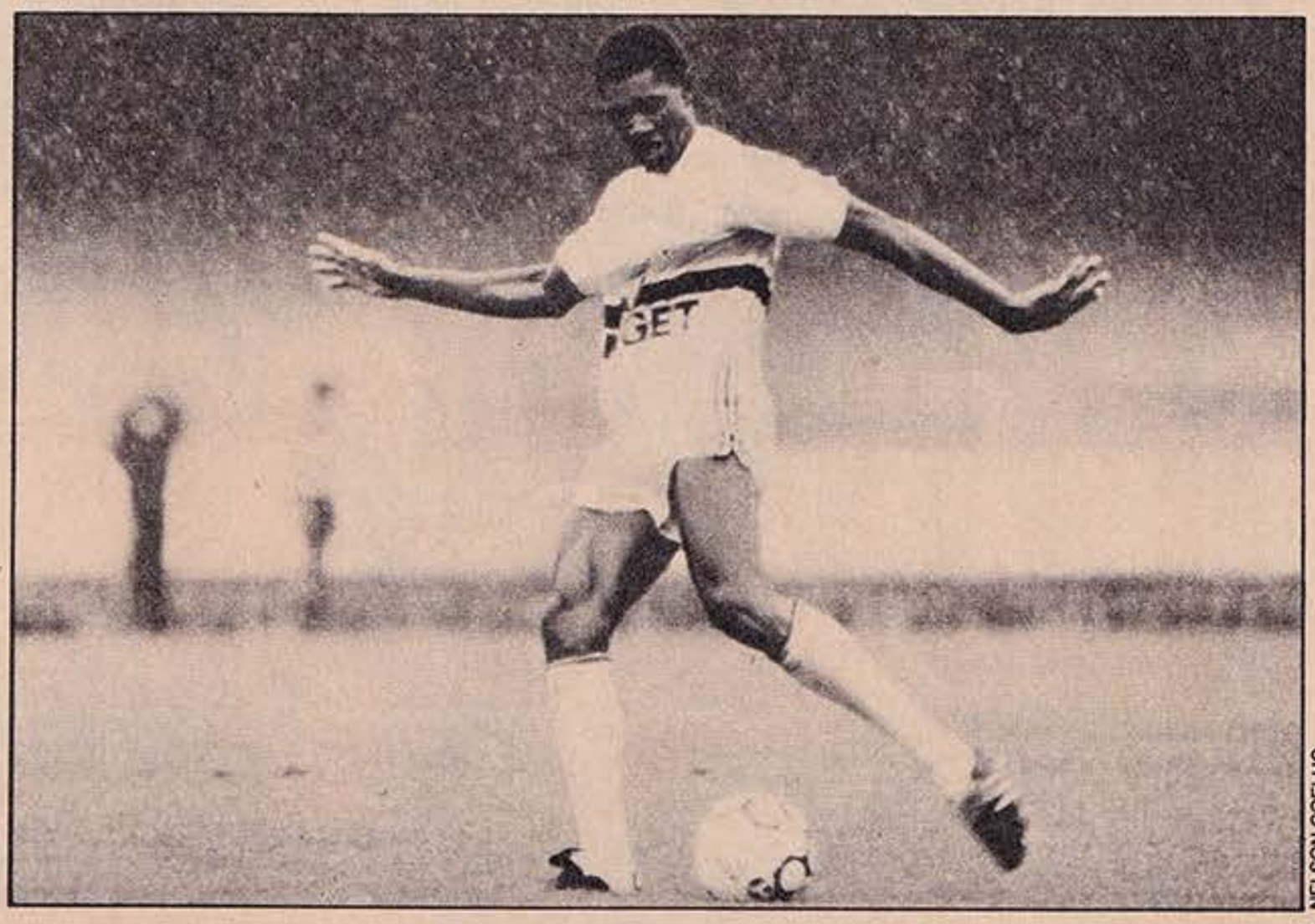
SÉRGIO ARAÚJO

SERGIO BEREZOVSKY

"Parece um Fórmula 1", espantou-se o zagueiro Mozer, do Flamengo. Com razão. Sérgio Araújo, 24 anos, ponta-direita do Atlético Mineiro, é um raro craque de dribles mágicos. Desde 1984 no clube, só explodiu nacionalmente agora

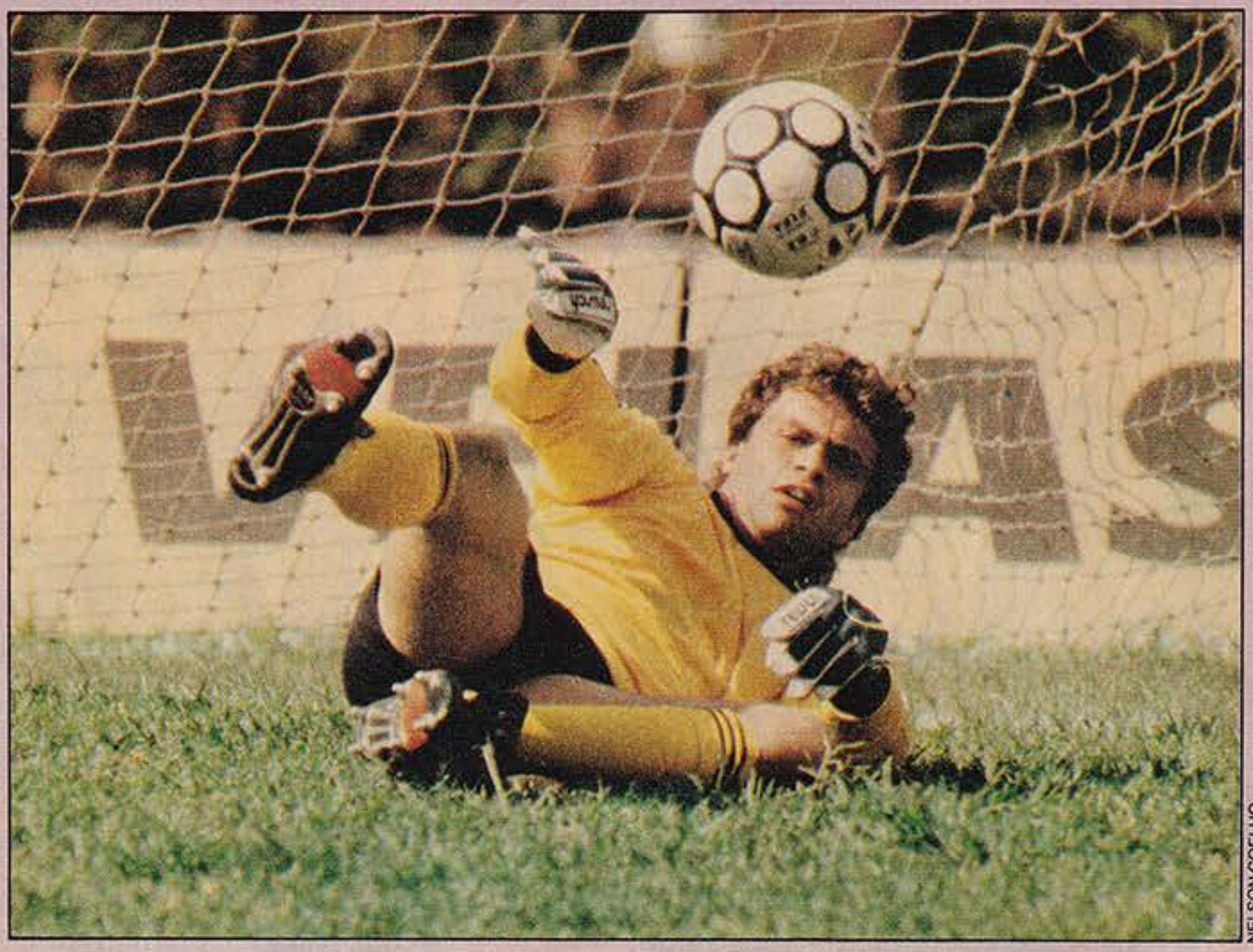
BERNARDO

Por causa dele, Márcio Araújo e o festejado Falcão foram esquecidos pela torcida do São Paulo. Aos 21 anos, 1,87 m e 76 kg, Bernardo brilha como volante no Morumbi. Nada mal para quem é profissional há apenas dois anos e foi salvo pelo tricolor de disputar a Segunda Divisão paulista pelo Marília, no ano passado



NELSON COELHO

PEREIRA



NELSON COELHO

O goleiro do Atlético Mineiro deu uma guinada em sua carreira nesta temporada. Ganhou a posição de João Leite, de quem era reserva desde 1982. Aos 25 anos, esse ex-judoca finalmente está satisfeito com a profissão. Sua receita de sucesso é simples. ''Muito treino'', ensina

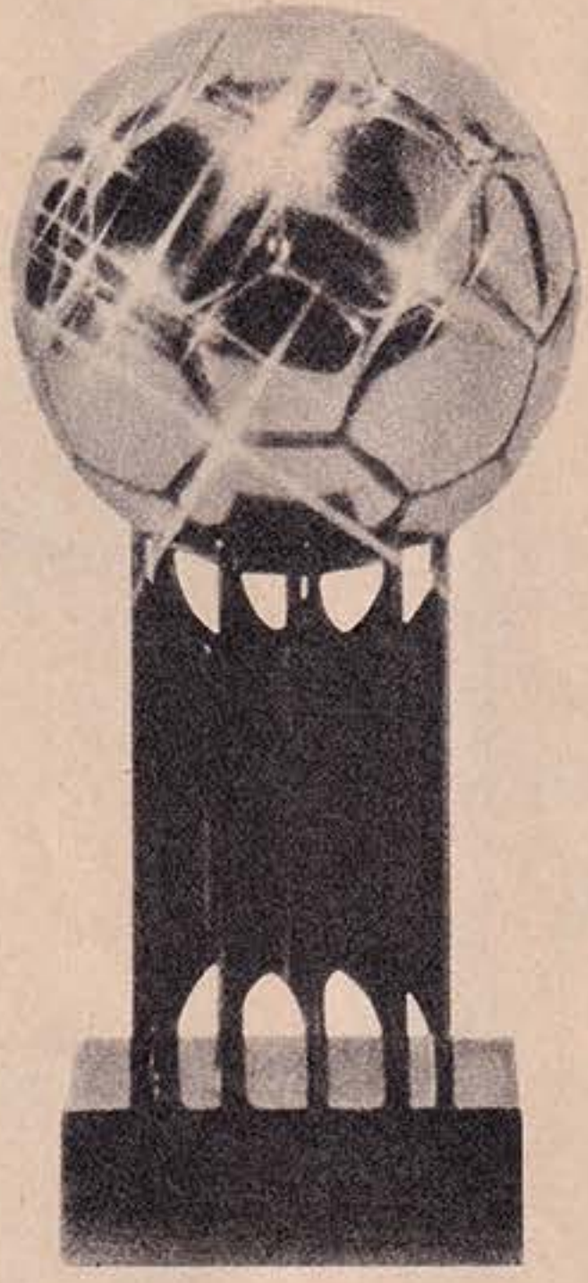
TAFFAREL

SERGIO BEREZOVSKY

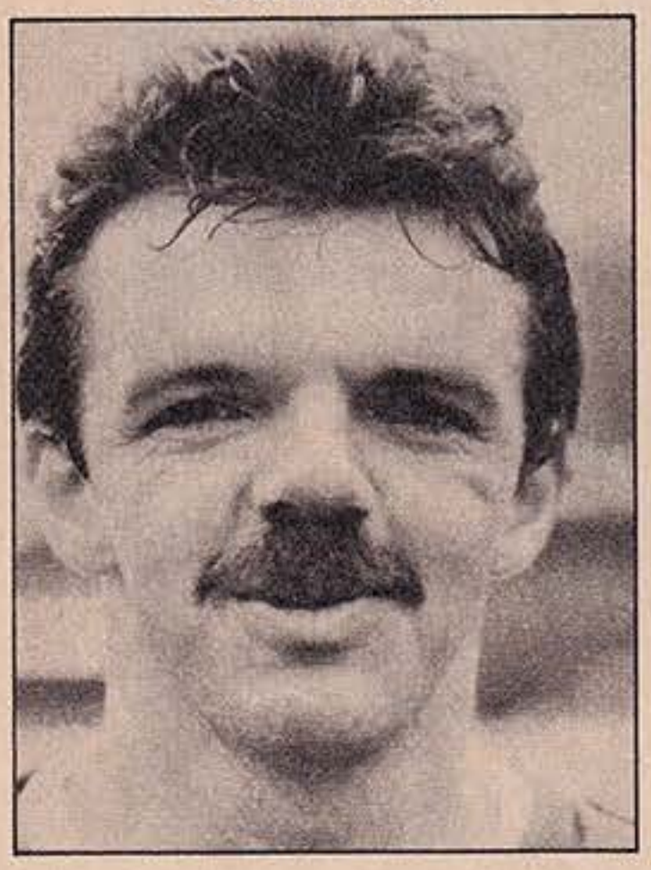
Ele despontou para o Brasil no Mundial de Juniores de 1985, na União Soviética. Na volta, virou titular do Inter. Esta foi sua primeira Copa Brasil. Aos 20 anos, Taffarel é preciso nas saídas em bolas altas e dono de ótimo senso de colocação. ''Além disso, possui sangue-frio'', elogia Benítez, ex-goleiro do Inter

A SELEÇÃO DA XVII BOLA DE PRATA

Comandado pelo centroavante Careca — Bola de Ouro por ter a melhor média entre os ganhadores —, um esquadrão para ninguém botar defeito



GOLEIRO



Gilmar (S. Paulo)	**7,61**
Régis (América)	7,60
Zé Carlos (Flamengo)	7,59

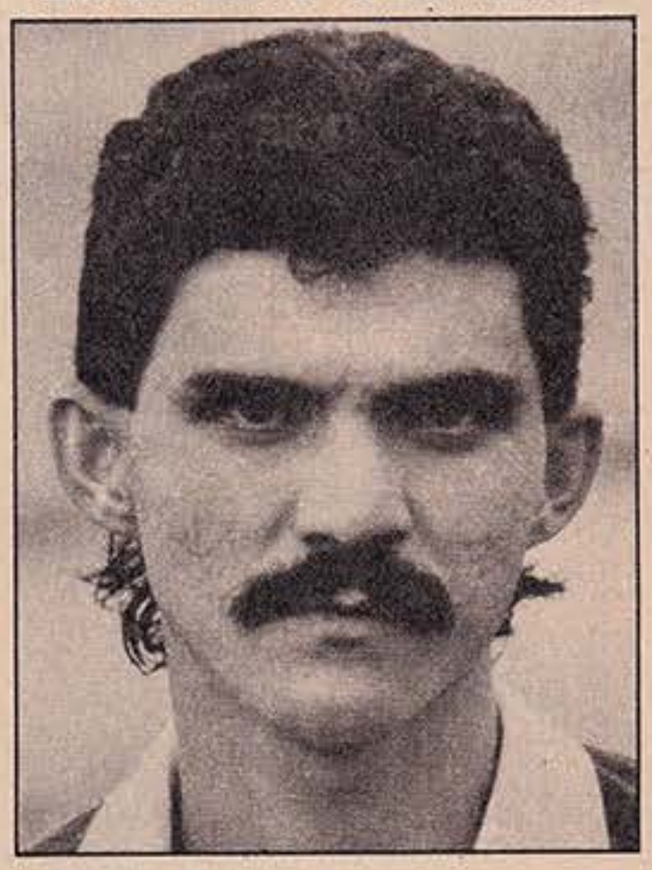
QUARTO-ZAGUEIRO

Darío Pereyra (S. Paulo)	**7,77**
Aloísio (Inter-RS)	7,28
Luizinho (Atl-MG)	7,26

LATERAL-DIREITO

Alfinete (Joinville)	**7,29**
Zanata (Bahia)	6,95
Marco Antônio (Guarani)	6,88

ZAGUEIRO-CENTRAL

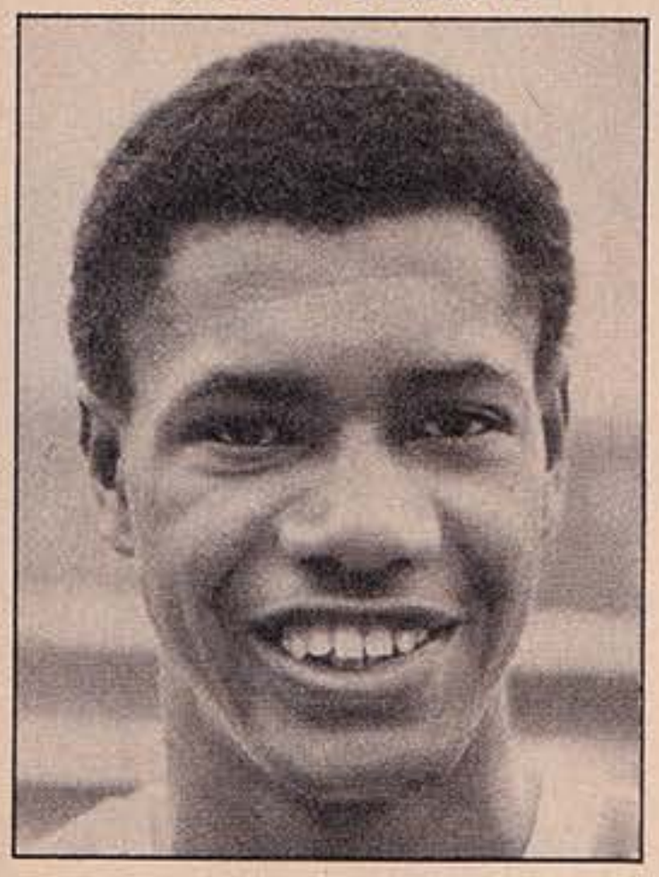


Ricardo (Guarani)	**7,39**
Wágner (S. Paulo)	7,30
Bene (América)	7,21

LATERAL-ESQUERDO

Nelsinho (S. Paulo)	**7,43**
Zé Mário (Guarani)	7,30
Eduardo (Fluminense)	7,16

MÉDIO-VOLANTE



Bernardo (São Paulo)	**7,68**
Douglas (Cruzeiro)	7,21
Jandir (Fluminense)	7,15

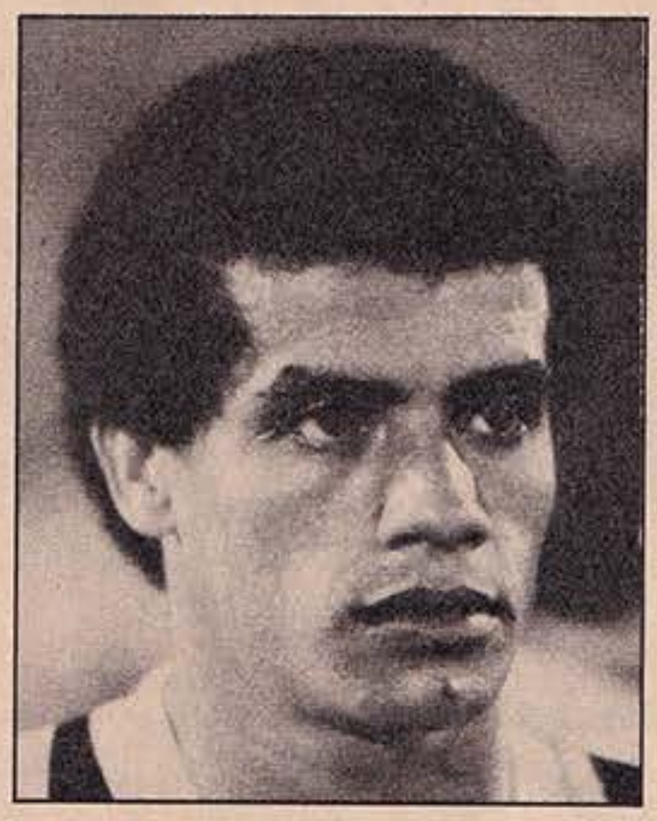
MEIA-ARMADOR

Pita (S. Paulo)	**7,67**
Boiadeiro (Guarani)	7,45
Zenon (Atl-MG)	7,28

PONTA-DE-LANÇA

Jorginho (Palmeiras)	**7,53**
Barbiéri (Guarani)	7,50
Silas (S. Paulo)	7,49

PONTA-DIREITA



Sérgio Araújo (Atl-MG)	**7,23**
Müller (S. Paulo)	7,11
Róbson (Cruzeiro)	7,10

PONTA-ESQUERDA

João Paulo (Guarani)	**7,77**
Valdo (Grêmio)	7,05
Sídnei (S. Paulo)	7,03

Careca, o papão: Bola de Ouro e Bola de artilheiro

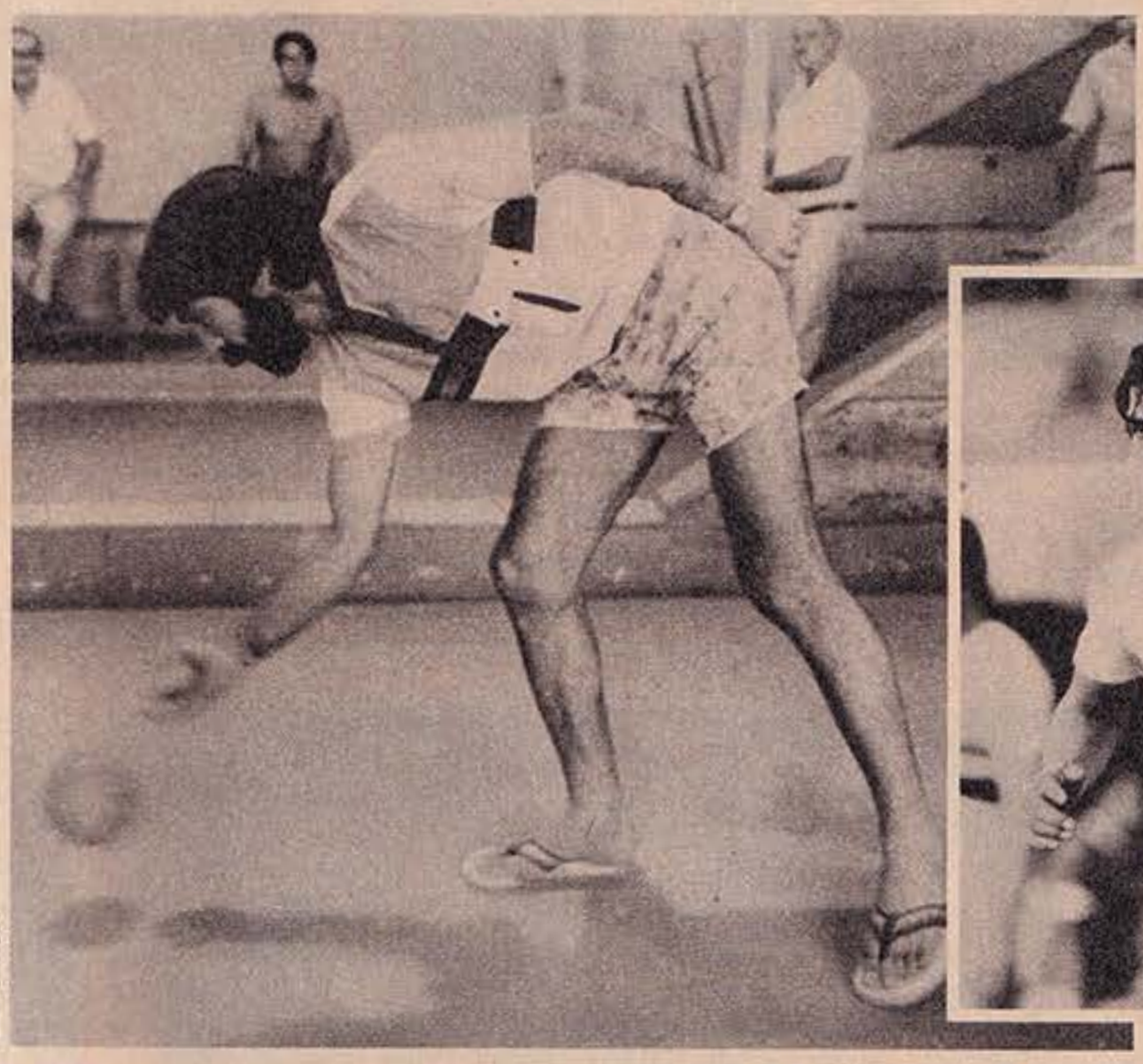
CENTROAVANTE (BOLA DE OURO) E ARTILHEIRO

Careca (S. Paulo), 25 gols	**8,25**
Evair (Guarani), 24 gols	7,56
Mirandinha (Palmeiras), 21 gols,	7,27

** Como determina o regulamento, os jogadores do São Paulo e Guarani foram contemplados com 0,3 ponto em suas médias finais por serem os finalistas.*

O DIA DO ANDARILHO

O título brasileiro de 1977 pelo São Paulo foi o ponto alto da carreira do volante Peres. Depois disso, ele correu o país e fez bons contratos



EDU GARCIA

ABRIL

O Peres atual (esq.), feliz proprietário de um clube de bocha em Osasco. E na grande conquista há quase dez anos

Ao recordar a valente equipe que conquistou o Campeonato Brasileiro de 1977, no Mineirão, o torcedor são-paulino, com certeza, não mencionaria Peres. Naquele 5 de março de 1978, ele entrou durante o segundo tempo no lugar de Teodoro para reforçar o time na prorrogação, mas chegou a converter um dos pênaltis que levaram o São Paulo ao título.

Quase dez anos depois, Valter Peres, 32 anos, trabalha na Secretaria de Esportes e Turismo de Osasco como administrador do ginásio municipal. Embora afastado dos estádios desde 1983, quando sofreu uma forte distensão muscular, jogando pelo Taguatinga (DF), ainda recebe freqüentes convites para voltar ao futebol. "O Ituiutaba, de Minas Gerais, me procurou", revela. "Mas só vou para lá se compensar financeiramente. Não estou mais em idade de ganhar experiência", exige.

Peres começou a carreira nas equipes inferiores do São Paulo sob a direção de José Poy. Em busca de experiência, jogou no Guaxupé (MG), Comercial (MS) e Botafogo (PB), pelo qual foi campeão estadual em 1977. No meio desse ano, retornou ao Morumbi a tempo de participar da campanha pelo título brasileiro. "Lembro-me daquela final como se fosse hoje", conta. "Nos pênaltis, Antenor, Bezerra e eu marcamos. Chicão e Getúlio erraram."

Após um vice-campeonato paulista (1978) e com poucas oportunidades de atuar como titular, retomou a vida de andarilho. "O importante era jogar", justifica. E foi para o Bahia, no qual obteve o título estadual de 1979. Depois, jogou pelo Marília (SP), Colorado (PR), São Bento (SP), Ferroviário (CE), Confiança (SE) e Taguatinga (DF). "Em Brasília, logo no primeiro amistoso, sofri a contusão. E perdi a motivação", conforma-se.

Casado com Lecy e pai de Karen, há apenas vinte dias, Peres confessa que o título brasileiro foi fundamental para conseguir bons contratos. "Hoje tenho carro, duas chácaras em Ibiúna, duas casas e algum dinheiro guardado."

Proprietário ainda de um clube de bocha, dominó e carteado desde 1983, ele sonha com uma escolinha de futebol em Osasco, sua cidade. "Esta é uma região de craques", diz. E, para reforçar, cita nomes de jogadores revelados na várzea local: Benazzi (ex-Palmeiras), Gilmar (Bangu), Ditinho (Palmeiras), Alan (ex-Vasco) e Peri (ex-Corinthians e Bahia).

Enquanto estuda a possibilidade de montar essa escolinha, Peres joga pelo Atlético de Osasco, clube varzeano. "Só para me divertir e dar uma corridinha", brinca. Do futebol, guarda a lembrança dos títulos conquistados. E a certeza de que, no seu tempo, era mais difícil ser titular num time grande. "Havia mais craques", garante.

Oscar D'Ambrósio